



APW PORTUGAL AO 5G

RENE MARTINS

Engenheiro de
telecomunicações e country
manager da APW Portugal



Façamos um exercício, ainda que mentalmente, de nos submeter a um dia completo ou um fim-de-semana inteiro longe dos nossos telemóveis, computadores, televisores e tudo que nos

conecta ao mundo digital e/ou amigos e familiares distantes através de uma rede social. Se você desistiu do exercício nos primeiros longos 3 minutos (assim como eu), então já faz parte de um grupo que considera que a base da pirâmide de Maslow já não é mais das necessidades fisiológicas, mas também do wi-fi.

É sabido que as novas gerações tecnológicas nas telecomunicações representam uma revolução em termos de velocidade em muitas interfaces, principalmente para nós usuários, tais como novas funcionalidades e incremento da capacidade de transmissão de dados. Como exemplo, falamos do 1G, tecnologia na qual nos permitiu a comunicação por voz através de telefones móveis; a seguir o 2G com aparelhos telemóveis mais pequenos que, entretanto, nos permitia trocar algumas mensagens de texto SMS, além de chamadas por voz; 3G, que então acrescenta a possibilidade de aceder a páginas da internet através dos nossos telemóveis; poucos depois, o 4G, onde falamos então da velocidade e funcionalidades digitais que utilizamos nos dias de hoje nas mais diversas atividades do quotidiano.

Felizmente não parámos por aqui e muito em breve avançaremos para o então 5G, que, em termos práticos, os resultados serão notados nas palmas das nossas mãos, permitindo tudo que as obsoletas tecnologias ofereceram e muito, muito mais: *downloads* e *uploads* de filmes numa fracção de

segundos, carros autónomos pelas auto-estradas, conectividade de novos dispositivos e maiores funcionalidades para uma comunicação exponencialmente mais rápida.

Entretanto, para usufruir dessa realidade, é de se esperar que muita coisa mude, principalmente no que abrange à infra-estrutura espalhada pelas vias públicas, tais como uma nova distribuição de micro antenas, utilizando as famosas *small-cells* e, eventualmente, tornando aquelas antenas no topo dos edifícios cada vez mais obsoletas.

Diante desse histórico e enquanto se discute o leilão da faixa do 5G, mesmo ainda não tendo sido conhecida uma decisão final por parte da Anacom, é discutido também a hipótese da partilha da rede entre operadores, que contribui fortemente para a redução de custos operacionais e investimentos iniciais, fazendo disto um incentivo para que tenhamos as operadoras a trabalhar com as suas equipas unidas com mesmo objectivo, o futuro das comunicações móveis com maior cobertura de sinais para os usuários e com o menor custo para ambas as partes.

**A BASE DA
PIRÂMIDE DE
MASLOW JÁ
NÃO É MAIS DAS
NECESSIDADES
FISIOLÓGICAS, MAS
TAMBÉM DO WI-FI.**